

BOLETIM INFORMATIVO

**ACLIMATAÇÃO PARA TREKKING EM
HUAYHUASH**





Aniversariantes

Janeiro

- 01— Paulo Cesar Coutinho Barcia
- 02— Ighor Pereira da Silva
- 07— Alexandre Berner
Aline Chaves Moebus
- 09— Flávia Paiva Agostini
- 12— Victor Simões Pinto Soares de Mello
- 19— Hildefonso Dutra Carreiro
Paulo Affonso Machado Avilla
Miguel Tarcisio de Athayde Costa
- 23— Luiz Carlos Vogel
- 29— Jayme Pitaluga Filho
Luiz Carlos Gomes
Ricardo Serrano Gomes da Silva
- 30— José Luiz Schissler Filho

Fevereiro

- 07— Julian Kronenberger
- 09— Antônio Carlos Magalhães
- 15— Tadeu Mesquita Frinzi
José Antônio Teixeira
- 17— Carlos Alberto Loredó de Araujo
Jair Antônio Amaral
- 18— Nádia Santos Martins
- 19— Renato Lins

Centro Excursionista Petropolitano

Fundado em 15 de maio de 1958.

Sede:

Rua Irmãos D'Ângelo, nº 39 sobreloja 5.

Centro - Petrópolis / RJ.

CEP: 25685-330.

Funcionamento:

Sextas, Sábados e Segundas das 19:00h às 21:00h.

De Utilidade Pública - Sede Própria.

Telefone: (24) 2231-9557

Site: www.petropolitano.org.br

E-mail: cep@petropolitano.org.br

comunicacao@petropolitano.org.br

Diretoria

Presidente
Lourenço Fróes

Diretor de Patrimônio
Paulo Victor Penna da Rocha

Diretor Técnico
Atila Garrido

Diretor Administrativo Financeiro
Leonardo Garrido

Diretor de Comunicação
Luiz Antunes

Conselho Editorial

Letícia Fliess

Luciano Bender

Luiz Antunes

Victor Mello

Este boletim é um informativo bimestral, destinado não somente aos associados do CEP, mas a todo o excursionista brasileiro, sem fins lucrativos, assim como a entidade a qual representa. Os artigos nele contidos refletem a posição dos autores e não necessariamente da instituição. O CEP não se responsabiliza pela má interpretação dos artigos aqui contidos, nem pelo uso ou mau uso deles. O CEP não se responsabiliza por acidentes pessoais ocorridos durante as excursões. Matérias são bem-vindas, preferencialmente em arquivo, a fim de facilitar o trabalho de edição. A reprodução do conteúdo deste boletim pode ser feita, desde que mencionado o nome do Centro Excursionista Petropolitano, o mês e o autor.

Artigo

CEP: DIFICULDADES, DESAFIOS E VISÕES

A BUSCA DA EXCELÊNCIA TÉCNICA COMO PROPOSTA DE SOLUÇÃO

Por Átila Alves Garrido e Leonardo Alves Garrido

"Artigo 4º - o CEP tem como finalidade e objetivo social:

Praticar, desenvolver e estimular o montanhismo, fazendo-o em caráter estritamente amadorista;"

Estatuto Social do Centro Excursionista Petropolitano.

Os clubes de montanhismo e escalada parecem vir sofrendo de um mal comum no que tange à formação e manutenção de um quadro de guias qualificado e disposto a preencher as suas "pranchetas" de excursão de forma voluntária.

O choque entre a formação e a manutenção de um quadro de guias qualificado e o atendimento, de forma voluntária, às necessidades dos clubes em termos de marcação de excursões e oferta de cursos parece encontrar entre suas possíveis causas:

a) um mercado de turismo de aventura em expansão e a consequente possibilidade dos guias encontrarem aí um meio de vida passível de ser conciliado com o seu esporte e/ou hobby, ou seja, uma profissionalização;

b) a crescente possibilidade de judicialização por parte de associados decorrente de incidentes ou acidentes nas excursões;

c) uma certa sensação de desproteção e desamparo face à alguns associados imbuídos da mentalidade do item b e/ou

pouco qualificados tecnicamente, que esperam encontrar nos clubes não apenas uma alternativa mais barata que nas empresas de turismo de aventura, mas também, ao mesmo tempo, guias-babás como os que lá encontrariam. Não parece ser raro encontrar associados que parecem perceber o guia do clube como um "prestador de serviço", e tratá-lo como tal;

d) diante desse cenário, a percepção de poucas vantagens que compensem o dispêndio de tempo e energia destinado a um trabalho voluntário desse tipo, quando o mesmo tempo e energia poderiam estar sendo aplicados em algo mais prazeroso, desafiador e condizente com as suas ambições pessoais enquanto montanhista e/ou escalador.

O pagamento de guias como prestadores de serviços implicaria numa violação ao item que consiste na finalidade primeira do CEP. Se os guias forem remunerados, me parece que consistiria numa profissionalização do corpo de guias do clube.

Isso não seria violado apenas se os guias remunerados fossem externos ao clube. Mas, então, o CEP abdicaria de ter um corpo de guias próprio e se configuraria como uma espécie de agência que intermedeia a relação entre associados interessados em fazer excursões e guias profissionais que prestam serviços ao clube? Quase como uma agência de Turismo de Aventura ou algo que o valha?

Não se trata de um serviço qualquer, secundário aos princípios que justificam a existência do clube, mas a algo central. Não é secretaria, contabilidade, limpeza, informática ou algo assim.

Para essa mudança ser feita, seria necessário mudar o estatuto em um aspecto crucial. Seria necessário muito esforço e poder de convencimento para que, em uma AGE, reunida especificamente para tal fim, 3/4 dos associados se convencessem disso, um tema tão polêmico, conforme disposto no Estatuto Social do CEP, no seu artigo 22:

"Art. 22° - compete privativamente à AG:

II - decidir, mediante convocação exclusiva para tal fim, sobre as reformas ou alterações do presente Estatuto, a qualquer tempo, com a aprovação de 3/4 dos presentes, desde que estejam presentes pelo menos 1/5 (um quinto) dos associados membros do Conselho Consultivo;"

Realmente, nos parece que o CEP, até mesmo para justificar a sua existência, sua razão de ser, precisa ter um corpo de guias próprio, em caráter voluntário, bem como cursos próprios, oferecidos por guias do seu corpo de guias, o que não exclui a possibilidade de ter a colaboração de guias de outros clubes.

Todavia, como compatibilizar essas demandas estatutárias e percepções com o quadro descrito acima?

Há outras formas, e outras ainda devem ser buscadas, de se contrapor à lógica mercadológica que avança sobre as atividades do Montanhismo e da Escalada. De maneira consistente com a nossa perspectiva, e com aquela estabelecida no estatuto do clube, não devemos nos subverter a ela, mas contrapô-la com outros elementos de atração não contemplados pelo

mercado. Pode haver outros, mas acredito que os quatro fundamentais sejam:

- 1) excelência técnica;
- 2) credibilidade;
- 3) representatividade;
- 4) uma entidade centralizadora e catalizadora de interesses comuns.

A busca incansável pela excelência técnica como meta última e um nível de exigência elevado para participar das atividades do clube funcionariam como um estímulo para a contínua qualificação dos guias e associados. Leva ainda a uma maior equiparação entre estes, o que estimula a proposição de excursões por parte dos guias, os quais poderão realizar atividades conjuntas mais próximas do seu nível de desafio e interesse sem que tenham que se preocupar com o risco representado por associados inadequadamente preparados. Modifica-se a cultura.

Concomitantemente, um nível elevado de excelência técnica consiste no elemento primeiro e maior da credibilidade perante à comunidade de montanhistas e escaladores e ao restante da sociedade e às demais partes onde CEP se faça representar. A excelência técnica é a condição primeira para a credibilidade, para fazer-se ouvir. Qual a credibilidade das posições de um clube de montanhismo e escalada cujo nível técnico seja reconhecidamente baixo?

Desses dois fatores, deriva o terceiro: a representatividade. A representatividade, para se fazer efetiva, demanda um elemento oculto, fundamental, mas nem sempre perceptível: a legitimidade! Esta não reside em uma folha de papel, na letra fria de leis e normas. No nosso caso, reside na credibilidade derivada da excelência técnica!

E a excelência técnica, assim como a legitimidade, não é estoque, é fluxo! Não basta o que já se fez! Não basta um passado de glórias e conquistas! É preciso que tanto uma quanto a outra sejam renovadas a cada instante. Se não há credibilidade, resultante de um nível técnico baixo ou defasado dos seus quadros, como se pretende que suas posições nas instâncias em que se faz representar sejam legítimas e acatadas pela comunidade?

Parece óbvio, portanto, que da falha em atender-se aos três elementos precedentes resulte como inexorável o enfraquecimento do clube como entidade catalizadora e centralizadora de interesses comuns, tanto para guias quanto para associados. A consequência? O esvaziamento do clube e a perda de sua razão de ser. Melhor procurar uma empresa de turismo de aventura, guias, professores e cursos externos. O último que sair, apague a luz!

Sinceramente, de forma indissociável a essas questões, tanto como parte do problema, quanto do encaminhamento das soluções, encontra-se uma questão central: é a visão do CEP que parece precisar se modificar!

Na verdade, voltar ao que era. O CEP não é um prestador de serviços voltado para atender às necessidades dos associados como consumidores, como clientes (e, pelo visto, nem mesmo isso tem sido feito!).

Urge que se vire a página de discussões centradas em “gestão empresarial” e se volte a atenção àquilo que é a razão de ser do clube: as discussões em torno de questões técnicas, de formação de guias e qualificação dos associados.

Não que aquelas não sejam relevantes e não devam ser feitas, mas parecem já ter sido bem encaminhadas em gestões passadas. O

que parece ter faltado foi sua implementação adequada, continuidade e alguns melhoramentos pontuais. Em suma: a gestão não deve ser o problema, a grande preocupação do clube. É preciso que ela funcione de modo adequado para não comprometer o que é essencial e onde se encontra o cerne da questão: a preocupação constante com o nível técnico do clube!

O CEP deve ser um centro de excelência do montanhismo e da escalada aberto a todos, como já foi. E, como tal, não se preocupar demais com questões como prestação de serviço ao cliente ou coisas do gênero. Não que isso não seja importante. Basta lembrar o estado atual de total abandono a que o clube chegou decorrente do total desprezo com essas questões. A ponto de ter se cogitado a seguinte questão: “O CEP deve acabar?”

Entretanto, não se deve ater-se em demasia a essas questões, relegando a exigência quanto à manutenção e ao aprimoramento da excelência técnica do clube a um plano secundário face ao objetivo, um tanto quanto mercadológico, de ampliar o quadro de associados a qualquer custo, sem que se observe, sequer minimamente, a critérios técnicos (como que para “agradar ao cliente” ou, pelo menos, não desagradá-lo). Como já foi dito em uma discussão acalorada há não muito tempo: “O CEP não é uma empresa!”

De que vale colocar mais de sessenta pessoas numa trilha? Ou numa fila de espera para uma excursão? Aos que se vangloriam disso, vale lembrar que esse tipo de excursão não é para Aparecida do Norte no feriado de Nossa Senhora Aparecida. Esse tipo de excursão é para uma trilha, na maioria das vezes de terra, sujeita a erosão, em um ambiente de montanha, que envolve riscos de acidentes e, em muitos casos, de morte!

Portanto, esse tipo de percepção desconsidera completamente alguns aspectos básicos que devem ser caros aos montanhistas. Para ficar apenas nos mais óbvios: impacto ambiental, qualificação técnica e segurança.

Nada contra um clube com grande número de associados e o objetivo de ser o “maior do Brasil”, desde que o clube se proponha e tenha condições de fornecer elevada e contínua qualificação técnica aos associados que assim o desejarem, para poderem participar de forma segura das atividades de maior exposição ao risco e maior exigência física e técnica; desde que não se busque essa ampliação do quadro a qualquer custo, desconsiderando-se aspectos técnicos ou relegando-os a um plano secundário, permitindo, por exemplo, a participação de associados em excursões para as quais não possui o nível físico e técnico adequado, apenas para não desagradá-los; desde que o crescimento do quadro de associados não exceda a capacidade do clube de capacitá-los, se for o caso, para participarem de algumas atividades do clube, e atendê-los com guias qualificados (e isto não significa que sejam “guias-babás sorridentes”, mas, sim, e acima de tudo, competentes).

Repito: o CEP deve ser aberto a todos, mas sem abrir mão de manter como norte ser um centro de excelência de montanhismo e escalada. O CEP é uma associação de MONTANHISTAS e ESCALADORES que ali se reúnem para promover seus interesses relacionados a essas atividades. Para realizar essas atividades em conjunto, compartilhar, desenvolver, aprimorar e promover o conhecimento técnico na área.

O interessado em se associar ao CEP deve saber que ali encontrará o lugar adequado para se divertir na prática da sua atividade de

lazer, mas também o lugar ideal para alcançar um nível de qualificação técnica elevado, caso seja esse o seu objetivo.

Entretanto, essa abertura e receptividade não devem significar que o clube deva se rebaixar para agradar a associados com “guias-babás sorridentes”, pois não deve abrir mão de estabelecer os critérios técnicos de entrada de associados e de participação destes nas suas excursões.

De fato, algumas das atividades do CEP não deveriam mesmo ser abertas a qualquer pessoa. Certas atividades de Montanhismo e Escalada envolvem riscos elevados! Envolvem risco, inclusive, de morte! O pertencimento a esse grupo deve ser submetido a qualificação prévia. Até mesmo para que terceiros não sejam colocados em risco por pessoas desqualificadas para a prática dessas atividades (como já vimos algumas vezes).

Diante disso, a obrigação fundamental do clube, então, consiste em fornecer os meios para que se obtenha essa qualificação.

O curso de guias deve ser visto não como um meio de formar um grupo de prestadores de serviços ao clube, mas sim como o degrau último de qualificação almejado por todos aqueles que desejem evoluir no esporte, se este for o objetivo. E o guia ali formado terá interesse em participar do clube, do seu quadro técnico, do seu corpo de guias, não por uma questão monetária, mas por uma questão de status dentro da comunidade de montanhistas e escaladores e de representatividade dos seus interesses no que diz respeito à essas atividades.

Acreditamos que por meio desta visão e da estratégia dela derivada se consiga reunir no clube os quatro elementos elencados acima para atrair e manter um guia no clube (de forma ativa e marcando excursões) e, ao

mesmo tempo, sanear as quatro fontes de insatisfação e dificuldades para tanto.

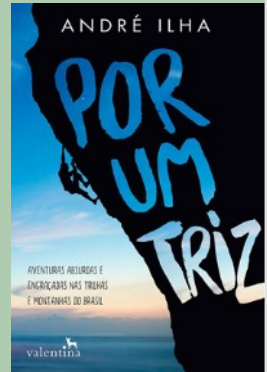
NOTA: Aqui, lembro do livro de John Krakauer, *No Ar Rarefeito*, no que diz respeito à sua visão crítica em relação às expedições pagas ao Everest, apesar de se contradizer com as críticas, ao que parece, inadequadas, à Anatoly Boukreev (entre outros), respondidas em seu livro, *A Escalada*.

Por exemplo, os vários casos anedóticos de incidentes, ou mesmo acidentes, dentro do clube (em parte, resultantes de um certo desdém por parte de alguns com procedimentos básicos de segurança, principalmente em escalada) deveriam deixar de ser tratados como piada e receber o cuidado e a atenção que merecem, com um tratamento estatístico, a investigação séria de suas causas e a prescrição de procedimentos para minimizar a chance de sua ocorrência no futuro. Isso para não mencionar os casos de potenciais incidentes ou acidentes decorrentes de manuseio inadequado de equipamentos, uso de equipamento inadequados para o uso dado ou não uso de equipamentos e procedimentos de segurança obrigatórios. A recorrência de situações desse tipo denigre a imagem do clube e contribui para seu descrédito perante a comunidade externa de montanhistas e escaladores.

Vale o comentário de que o enraizamento dessa percepção no clube atraiu aventureiros que gostam de citar o aumento irresponsável de visitantes ao PARNASO, onde nota-se cada vez mais a presença em suas trilhas de pessoas completamente despreparadas, e sem consciência para utilização das trilhas e adentrar o ambiente de montanha.

Sugestões de leitura e filmes

Por um triz, reúne uma impressionante coletânea de histórias vividas por André Ilha, que é um dos mais experientes escaladores do país e sócio do CEP, com centenas de vias abertas pelo país, muitas delas grandes clássicos. Dividido em histórias contadas por décadas, dos anos 70 à atualidade, o livro é também um manual de montanhismo reportando conceitos, descrevendo informações sobre as montanhas brasileiras e também contando suas histórias. Dentre elas, no caso do Rio de Janeiro, o maior centro de escaladas urbanas do mundo, relata situações tensas típicas (e, às vezes, bizarras) decorrentes de encontros na mata ou no acesso a elas com bandos de traficantes ou outros tipos portando uma arma em suas mãos.



La Quête d'Inspiration (2012) - documentário sobre a busca do fotógrafo Alexandre Deschaumes em retratar a natureza em sua forma etérea, obscura e evocativa, explorando as luzes e sombras do outono de 2011 e outono de 2012 nas montanhas dos Alpes, Patagônia e Islândia.

Notícia

A CÂMARA MUNICIPAL DE PETROPOLIS DECRETOU:

LEI Nº 7.478 de 27 de dezembro de 2016

Dispõe sobre o programa Municipal de incentivo ao montanhismo, sobre o acesso a sítios naturais públicos e dá outras providências.

Art. 1º - Fica instituído no Município de Petrópolis o Programa de Incentivo ao Montanhismo, a ser constituído por projetos e ações que serão concebidos e executados de forma participativa e integrada entre a Secretaria de Esportes e Lazer e as entidades representativas dos praticantes de montanhismo, ouvidas a Secretaria de Planejamento, Meio Ambiente e Desenvolvimento e a Fundação de Cultura e Turismo.

Art. 2º - O Programa de Incentivo ao Montanhismo tem os seguintes objetivos:

- reconhecer o montanhismo como uma atividade de valor esportivo e cultural para o Município de Petrópolis, que propicia a interação dos cidadãos com os ambientes naturais da cidade e colabora com a sua proteção e conservação;

- reconhecer as áreas mapeadas pelos montanhistas como sendo de interesse para a prática de montanhismo no Município;

- ratificação, pelas Secretarias citadas no caput deste artigo, das condições de acesso às áreas de interesse para a prática de montanhismo, a serem identificadas pelos praticantes de montanhismo, pelas entidades que os representam e demais interessados;

- apoiar as medidas administrativas

necessárias para garantir o acesso livre e desimpedido às áreas de interesse para a prática do montanhismo, nos termos do art. 3º desta Lei;

- instituir e manter um cadastro oficial de acessos a montanhas e outras áreas de interesse para a prática de caminhadas, escaladas em rocha e visitação de atrativos naturais do Município de Petrópolis, e dar ampla publicidade ao mesmo;

- propor alternativas e possíveis soluções para evitar ou mitigar os problemas ambientais das áreas de interesse para a prática do montanhismo, levantados e caracterizados pelos próprios montanhistas, pelas entidades que os representam ou pelo quadro técnico da própria Prefeitura; VII - apoiar outras iniciativas de divulgação e fortalecimento da prática do montanhismo em todo o Município.

Art. 3º- É assegurado a todos os cidadãos o acesso às montanhas, paredes rochosas, rios, cachoeiras e demais ambientes naturais, realizados por caminhos, trilhas, travessias e escaladas, propícios para a prática de montanhismo e de interesse para a visitação pública.

Parágrafo único- Os acessos que estejam em propriedade particular somente serão estabelecidos pela Secretaria de Esportes e Lazer, após autorização dada pelos proprietários dos terrenos privados, ouvida a Secretaria de Planejamento, Meio Ambiente e Desenvolvimento, bem como os representantes de associações de

montanhistas e demais interessados na prática de esportes ao ar livre, assegurado o cumprimento das normas legais vigentes.

Art. 4º- os cidadãos que transitarem pelos locais descritos no artigo anterior deverão zelar pela sua própria segurança, pela conservação dos ecossistemas locais, mediante a adoção de práticas de mínimo impacto ambiental, pelo sossego e privacidade dos proprietários e não poderão ultrapassar os limites estabelecidos para o seu uso.

Parágrafo único- Os cidadãos de que trata este artigo poderão ser responsabilizados civil e criminalmente por danos causados ao meio ambiente ou a terceiros.

Art. 5º - O Poder Executivo poderá celebrar Termos de Cooperação Técnica para a execução da presente Lei.

Art. 6º- Fica incluída no Calendário de Eventos Oficiais do Município de Petrópolis a “Abertura da Temporada de Montanhismo em Petrópolis” a ser realizada no mês de abril.

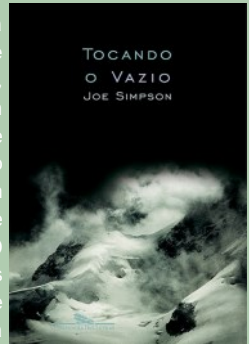
Art. 7º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Mando, portanto, a todos a quem o conhecimento da presente Lei competir, que a executem e façam executar, fiel e inteiramente como nela se contém.

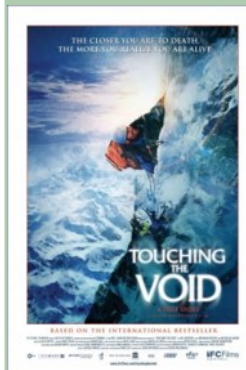
Gabinete do Prefeito de Petrópolis, em 27 de dezembro de 2016.

Sugestões de leitura e filmes

Tocando o vazio é uma narrativa épica sobre medo, dor, resistência, coragem e amizade. Em junho de 1985, Joe Simpson e seu parceiro de escaladas, Simon Yates, chegam ao cume do Siula Grande, a 6300 metros de altura, nos Andes peruanos. A face oeste da montanha nunca havia sido



conquistada. Logo depois da façanha, porém, os dois se assustam ao ver que a rota da volta é muito mais perigosa do que haviam imaginado. No começo da descida Joe escorrega ao tentar desescalar uma parede de gelo e quebra a perna. Nas horas seguintes, cai a noite e uma tempestade de neve se fecha sobre eles enquanto Simon tenta desesperadamente descer o amigo com o auxílio de cordas. Numa das descidas mais aceleradas Joe fica suspenso no vazio, sobre uma imensa greta, sem conseguir tocar a parede de gelo e impossibilitado de tentar alguma manobra de salvamento. Para não ser arrastado para o abismo, Simon é obrigado a cortar a corda que os une.



Tocando o vazio (2003) - documentário baseado no livro com o mesmo título, direção de Kevin Macdonald, com participação do Joe Simpson. O filme ganhou o Prêmio Alexander Korda de melhor filme britânico no BAFTA de 2004 e foi apresentado no Sundance Film Festival de 2004.

Relato

ACLIMATAÇÃO PARA TREKKING EM HUAYHUASH

Por Leticia Fliess



O circuito de trekking na Cordillera Huayhuash está localizado nos Andes peruanos ao sul da Cordilheira Blanca. Medindo 30 quilômetros de extensão a Cordillera Huayhuash é um conjunto compacto incrível de enormes torres geladas cercadas por rios em cascata, lagos turquesa e com uma grande diversidade de flora e fauna. Lá se ergue o gigante Yerupaja (6.634m), o segundo pico mais alto do Peru, e o lendário Siula Grande (6336m), montanha famosa pela épica história de sobrevivência de Joe Simpson (Tocando o Vazio). Como foram 13 dias de caminhada intensa e paisagens

alucinantes farei o relato em duas partes, a primeira dedicada às caminhadas de aclimação e a segunda ao trekking no Circuito Huayhuash.

Era antiga a promessa do Fábio, meu marido, de me levar para conhecer o lugar que, segundo ele, era um dos

mais bonitos em que havia pisado. Depois de "empurrar" a viagem por algum tempo, acabamos batendo o martelo em outubro de 2015, quando compramos as passagens aéreas e contratamos a empresa Scheler Trekking que o Fábio já conhecia o serviço, pois utilizou para o Trekking de Santa Cruz e para





a primeira vez que foi a Huayhuash. Este Circuito pode ser feito de forma autossuficiente, mas só vimos um casal fazendo isso durante todo o trekking.

Convidamos alguns amigos e o grupo chegou a ter quase 10 pessoas no começo, mas conforme a data da viagem se aproximava, diversos problemas foram "minando" as possibilidades de algumas pessoas participarem. Em meados de julho, sofremos a última baixa, por problemas de saúde. O nosso grupo então ficou fechado em 5 pessoas: eu, o Fábio, o Jeff Almeida de Mogi das Cruzes e um casal de amigos de BH, Natália e Giovani, que haviam participado conosco do trekking ao Monte Roraima, no final de 2014.

No dia 06 de agosto embarcamos cedo para Lima, encontramos com o Jeff no

aeroporto e com a Natália e o Giovani no terminal da Movil Tours. Depois de uma pequena espera, seguimos via ônibus para Huaraz, aonde chegamos por volta das 21h. Havíamos programado três caminhadas de aclimação, sendo que uma delas estava inclusa no pacote contratado para o circuito Huayhuash. Para as outras duas, faríamos de forma autoguiada, contratando apenas o serviço de traslado.

A primeira caminhada de aclimação foi até a Laguna Rajucolta, que estava inclusa no pacote da agência. As outras duas trilhas, que fizemos antes do grande trekking, foram guiadas pelo Fábio. Depois do café da manhã estávamos todos prontos para começar a caminhar. Conhecemos o guia Andres e embarcamos na van para uma longa viagem até a Quebrada

A trilha é muito bem marcada e tranquila de seguir. Ao fundo já víamos grandes nevados como o Huantsan (6359m), que está entre as 10 montanhas mais altas do Peru. Todos do grupo reclamaram de dor de cabeça, além disso eu me sentia um pouco tonta. A altimetria desta trilha é tranquila (250m de elevação em 7,5km) o que foi decisivo na escolha para ser a primeira caminhada de aclimação.

A trilha para a Laguna Churup, a segunda caminhada de aclimação, está bem mais próxima de Huaraz e depois de aproximadamente 50 minutos de viagem, chegamos ao ponto inicial. Esta trilha é bem marcada e não há necessidade de contratar guia. Com os ingressos comprados e as mochilas arrumadas, começamos a subida

lentamente. O início da trilha é uma escadaria sem fim. Sempre que a inclinação cedia e a trilha ficava mais plana, existiam "cabanas" com alguns bancos e uma mesa rústica para curtir o visual e descansar um pouco as pernas antes da próxima subida.

Quando termina a escadaria a subida fica mais forte. Cerca de 200 metros à frente, existe um paredão de pedra que precisa ser vencido por uma canaleta na diagonal. Existem cabos de aço protegidos por uma mangueira em todo esse trecho. Achei desnecessário,

mas é uma segurança para muitos já que a trilha é bem frequentada.

A trilha segue por um trecho de subida forte e desce um pouquinho antes de chegar à área de camping preparada pelo parque. A partir desse ponto, começa o trecho mais íngreme e mais cansativo da trilha. São cerca de 650m até as margens da laguna, mas a inclinação e o esforço para vencer alguns trechos traz o coração na boca! Nesse trecho também foram instalados cabos de aço. Segundo nos informaram, isso aconteceu porque um brasileiro se acidentou no

local e como havia subido sozinho ficou dois dias esperando por socorro.

A nossa terceira e última caminhada de aclimação foi para a famosa Laguna 69. Seguimos o princípio muito difundido de subir cada vez mais alto e dormir baixo, então nesse dia chegamos acima dos 4.600m de altitude, bem próximo de muitos passos que enfrentaríamos em Huayhuash. Mais uma vez faríamos a trilha de forma autônoma, pois o caminho é muito bem marcado.

Saímos bem cedo do hostel porque a viagem até o início

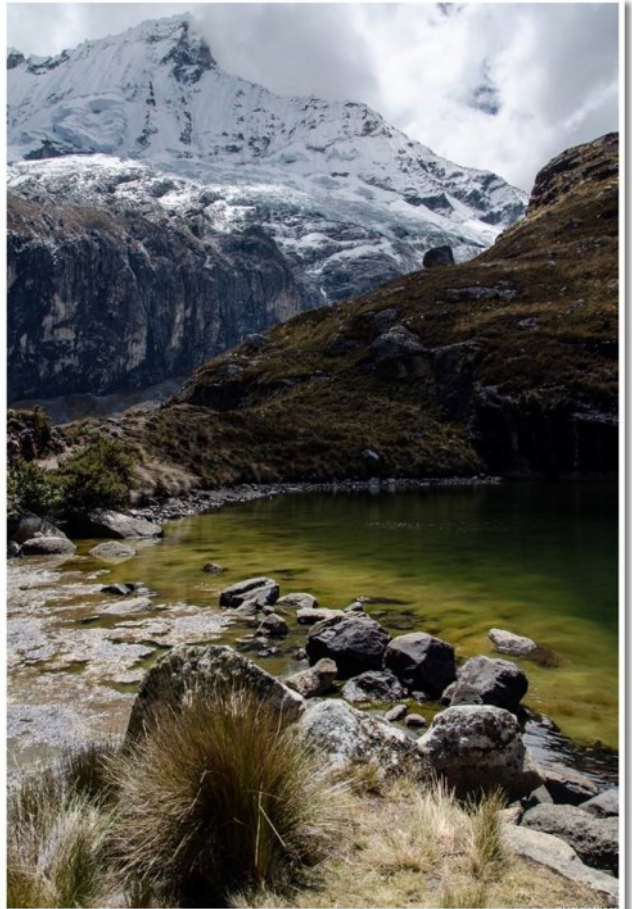




da trilha seria longa e a estrada não era muito boas. A primeira metade da viagem rendeu bem, pois a estrada era asfaltada até Yungay, mas por volta das 6h30 começou a longa subida por estrada de terra.

Aqui cabe contar a história de Yungay (ou Nueva Yungay) que é uma cidade relativamente nova e nasceu a partir de uma tragédia. No último dia de maio de 1970, ocorreu um terremoto fortíssimo (de escala 7.9) que sacudiu todo o vale. Uma enorme placa de gelo e rocha se desprendeu do nevado Huascarán (a montanha mais alta do Peru) e caiu sobre lagunas glaciares, gerando uma onda de água, lama e pedras que varreu a cidade de Santo Domingo de Yungay. Dos 20.000 habitantes da cidade na época, somente 300 sobreviveram. A antiga cidade foi considerada área intangível e “Campo Santo” e poucos meses depois da tragédia, a nova Yungay começou a ser construída a cerca de 1km da cidade sepultada.

Na estrada para o início da trilha a vista já é de cair o queixo, de um lado o fantástico





azul da cor da Laguna Chinancocha e do outro lado, olhando bem para cima, podíamos ver um dos cumes do Huandoy com 6.360m.

O primeiro trecho é bastante bonito e vai subindo de forma tranquila e gradativa seguindo o curso de um riacho com águas cristalinas. No segundo trecho a trilha fica bem mais inclinada com infinitos zigzag que nos leva até a Laguna 68. A visão de uma cachoeira formada pelas águas do degelo com as montanhas nevadas ao fundo parece um cenário de contos de fada! Antes de chegar a Laguna 68 comecei a sentir uma forte dor no quadríceps que estava me preocupando, pois no dia seguinte partiríamos para 10 dias de caminhada forte. Assim decidi que iria parar naquela Laguna

e deixar para conhecer a Laguna 69 em outra oportunidade. O restante do grupo seguiu até o final da trilha e puderam contemplar o azul sobrenatural da Laguna 69 e eu voltei sozinha pela trilha e pude ficar imersa nos meus pensamentos e contemplar silenciosamente aquelas paisagens.

As 13h cheguei no ponto de encontro marcado com o motorista da van que estava fazendo nosso transporte encontrei a Natália, que tinha parado no início da caminhada, vomitando muito. Esperamos o restante da turma chegar e entramos rapidamente na van e tocamos (em alta velocidade) para Huaraz onde o motorista nos levou direto para a clínica San Pablo. A Natália ficou um par de horas tomando soro e

depois foi liberada para voltar ao albergue.

Enquanto ela estava na clínica, fomos até o albergue tomar um banho e voltamos para o centro da cidade para jantar no restaurante Trivio. Tivemos a companhia da amiga e fotógrafa Cristiane Gellert que tinha acabado de chegar em Huaraz. Um pouco mais tarde o Giovani chegou para jantar e nos disse que a Natália estava bem melhor, e eles iriam conosco para Huayhuash!

Depois dessa boa notícia, terminamos nosso jantar, nos despedimos da Cristiane e voltamos ao albergue para terminar de arrumar as mochilas para o grande objetivo da viagem: concluir o Circuito Huayhuash em 10 dias e subir o Diablo Mudo, mas essa parte da aventura fica para o próximo boletim.



Astronomia

AS NOITES DE VERÃO

Por Paulo Victor

Algumas informações sobre o que poderá ser observado no céu nos meses de janeiro e fevereiro de 2017.

Época de chuvas, tempo de excursões curtas e de preferência que terminem com um banho de rio. E nestas noites de verão as famosas Três Marias chamam a atenção e, pela facilidade de serem localizadas, é a melhor constelação para ser observada por aqueles que iniciam a identificação de estrelas e das maravilhas e segredos do céu.

As Três Marias estão na constelação de Órion, o Caçador, são três estrelas igualmente espaçadas em linha reta, constituindo o Cinturão do Caçador. Prolongando a reta formada pelas Três Marias há uma estrela muito brilhante, é a Sirius da constelação do Cão Maior, segunda estrela mais brilhante do firmamento. O Sol é a primeira.

Prosseguindo pela linha imaginária que passa pela Três Marias, em sentido inverso, veremos as Plêiades ou Enxame de Abelhas dos nossos índios. Seis estrelas deste aglomerado são vistas facilmente sem auxílio de instrumento. E dependendo da acuidade visual e das condições da atmosfera é possível visualizar até dezenove estrelas.

Em 12 de janeiro de 2017, Vênus que já se encontra visível após o pôr do Sol na direção W (oeste), estará muito brilhante devido a menor distância com a Terra.

Algo simples que acontece todos os meses e possui beleza é a Lua Cinérea, que ocorre alguns dias antes e após a Lua Nova, quando minúscula parte da superfície lunar é iluminada diretamente pelo Sol e a restante é

iluminada pela luz refletida da superfície terrestre.

Os melhores dias para observar a Lua Cinérea são:

- 1 de janeiro 2017 – após o pôr do Sol na direção W (oeste)
- 24 de janeiro de 2017 – antes do alvorecer na direção E (este)
- 30 de janeiro de 2017 – após o pôr do Sol na direção W (oeste)
- 22 de fevereiro de 2017 – antes do alvorecer na direção E (este)

Ainda sobre a Lua, em 10 de fevereiro de 2017 teremos o Eclipse Penumbral Lunar, visível parcialmente em nossa região. Ocorrerá entre as 22h30min do dia 10 (sexta-feira) até as 00h50min do dia 11 (sábado).

Normalmente ocorrem quatro eclipses por ano: dois solares e dois lunares. Devido a configuração Terra/Sol/Lua, dois eclipses (lunar/solar) ocorrem com intervalo de duas semanas.

Em 2017 teremos a oportunidade de apreciar no dia 10 de fevereiro o Eclipse Penumbral da Lua (que deverá ficar vermelha “Lua de Sangue”) e no dia 26 de fevereiro (domingo de carnaval) o Eclipse Anular do Sol, que será também parcialmente visível nas regiões sul e sudeste e em partes do centro-oeste e nordeste brasileiro.

Lembrando que em 19 de fevereiro de 2017 termina o horário de verão e os relógios deverão ser atrasados em 1 hora às 00:00 h.

Programação

Dia	Evento	Local	Responsável
07/01	Enseada do Leme—Escaladas Diversas (III a VIII)		Tonico Magalhães
08/01	Pedalada—Secretário		Renato Walter Mattos
14/01	Pedra Do Colégio, Cachoeiras do Tenebroso, Terceira Dimensão e Jequitibá.		Luiz Claudio
15/01	Escaladas na Pedra Roxa—Secretário		Jeferson Monteiro da Costa
15/01	Alto Ventania—Caminhada Leve	Ponto do ônibus Santa Isabel às 08:00	Paulo Victor
16/01	Oficina Técnica: Paradas—Equalização e Segurança	Sede do CEP às 19h	Jeferson Monteiro da Costa
20/01	Apresentação de Fotos: Travessia da Serra do Papagaio	Sede do CEP às 19h	Marcelo Garcia
21/01	Pedra da Cuca—Araras—Caminhada leve	Sede do CEP às 7h	Fred Fadini
21/01	Palestra: Padrão de Competências do Guia Voluntario de Montanha	Sede do CEP às 19h	Guilherme Silva (Clube Light)
22/01	Escalada—Cantagalo, Lagoa, Rio de Janeiro. Vias de 3° a 8°		Dalton Chiarelli
23/01	Oficina Técnica: Noções de Orientação pelo Sol	Sede do CEP às 19h	Paulo Victor
28/01	Circuito na Ilha Grande—Abraão-Lopes Mendes—Caxadaço—Dois Rios Abraão—Caminhada Pesada		Luiz Claudio
28/01	Morro do Alicate—Excursão Conjunta CERJ—Intercumes		Tchassa e Waldecy (CERJ) (a confirmar)
28/01	Palestra: História do Montanhismo	Sede do CEP às 19h	Waldecy Lucena (CERJ)
29/01	Escalada—Pr. Boi que nada (4° VI) e Cachoeira—Secretário	Sede do CEP às 7h	Átila e Leonardo A. Garrido
29/01	Jacuba		Renato Walter Mattos
30/01	Oficina Técnica: Nós Básicos de Escalada	Sede do CEP às 19h	Átila Alves Garrido
04/02	Pão de Açúcar de Cunhambebe (Exploratória) — Caminhada Pesada		Luiz Claudio, Fiorini, Thiago Haussig (CEB)
05/02	Escalada – Pr. Touro Louro (5° VI) —Secretário	Sede do CEP às 7h	Átila e Leonardo A. Garrido
05/02	Travessia Araras—Secretário e Churrasco		Lourenço L. Frões
10/02	Alto Ventania—Caminhada Leve com Bivaque para Observação do Eclipse Penumbra da Lua	Ponto do ônibus Santa Isabel às 18h	Paulo Victor
11/02	Palestras: “O Centro do Universo”: Escaladas em Guaratinga—BA	Sede do CEP às 19h	André Ilha
11/02	Palmares—Caminhada Leve—Araras	Sede do CEP às 7h	Fred Fadini
12/02	Escalada—Pr. Vaca Preta (5° VI) —Secretário	Sede do CEP às 7h	Átila e Leonardo A. Garrido
12/02	Pedra do Juriti		Renato Walter Mattos
13/02	Oficina Técnica: Técnicas de Rapel	Sede do CEP às 19h	Átila Alves Garrido
18/02	Pedra da Pirâmide, Chapéu da Bruxa e Pedra da Babilônia—Nova Friburgo - RJ—Caminhada Leve	Sede do CEP às 4h	Marcelo Garcia
18/02	Palestra: Trekking—Circuito Huayhuash (Huaraz-Peru)	Sede do CEP às 19h	Letícia Fliess
19/02	Escalada – Pr. Boi Reto (3° IV) e Cachoeira—Secretário	Sede do CEP às 7h	Átila e Leonardo A. Garrido
19/02	Morro do Bonnet—Caminhada Leve	Ponto de ônibus Rocio 8h	Paulo Victor